



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após conhecer o carro elétrico que será produzido pela Mitsubishi Motors do Brasil

Palácio do Planalto, 20 de outubro de 2010

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Olha, primeiro, eu acho que é um fato muito importante para o Brasil e para o mundo a gente perceber que há avanços tecnológicos significativos na construção de carros alternativos, carros menos poluentes, mais silenciosos. O carro elétrico é um sonho de muito e muito tempo da indústria automobilística, da engenharia mundial, e eu acho que a Mitsubishi dá um passo extremamente importante, e acho que mais importante ainda de começar a produzir em Catalão. Ontem eu fui inaugurar a hidrelétrica Serra do Facão...

Jornalista: Opa, do lado!

Presidente: ...e você vai ter mais 212 megawatts para você poder ajudar a carregar os carros elétricos produzidos lá em Catalão. Eu acho que o mundo, o mundo caminha para encontrar soluções rápidas, e nesse aspecto é que eu tenho defendido a ideia de que o Brasil é quase invencível nessa disputa de novos produtos, menos poluentes e muito mais adequados à necessidade de preservação ambiental. Então, meus parabéns ao Eduardo, parabéns à Mitsubishi,...

_____ : Obrigado, obrigado.



Presidente: ...e o Brasil agradece o investimento de R\$ 1 bilhão, o que vai gerar alguns empregos, o que vai produzir mais salário, mais renda, mais consumidores, e eu acho que é isso que nós queríamos.

Jornalista: Esse investimento...

Presidente: Agora eu, realmente, estou incomodado com as moscas aqui.

Jornalista: Tem muitas outras moscas...

Presidente: Se fosse o Raul Seixas,...

Jornalista: ...incomodando o senhor na campanha também, Presidente?

Presidente: ...se fosse o Raul Seixas, dizia: “Tem uma sopa aqui pousando na minha mosca. Ô, uma mosca pousando na minha sopa.”

Jornalista: Presidente, os jornais hoje trazem denúncias de suspeita de tráfico de influência em outros Ministérios, por exemplo, na Secretaria de Assuntos Estratégicos e no GSI.

Presidente: Não, o que me deixa impressionado é o que acontece todo ano, todo dia, a toda hora, em época de eleição. Sinceramente, eu acho que é dar muito crédito, para gente ver a especulação. É só vocês verem o que está acontecendo nos telefones pelo Brasil afora e a quantidade de notícias de denúncias, de acusações, de infâmias que, sinceramente, não dá para um presidente da República levar a sério essas coisas.

Jornalista: Mas no caso da Polícia...



Presidente: No caso da Polícia Federal, tem uma investigação, tem uma entrevista coletiva que vai ser dada e vocês vão saber as coisas como elas são, e não como alguns gostariam que fossem. O problema do Brasil não são os fatos. Os fatos, eles são importantes, é preciso que sejam anunciados. O importante são as versões e as intenções com que muitas vezes se tenta trabalhar o processo de informação. Todo mundo sabia e todo mundo sabe a quem interessavam aquelas denúncias do famoso dossiê, que vão ser explicadas aos poucos. Só que nós não podemos falar com irresponsabilidade. Nós temos que falar com base nos laudos, com base na investigação, com base no inquérito. E quem tem que falar isso é a própria Polícia Federal, não é o presidente da República.

Jornalista: Mas a PF não encontrou ligação com a campanha da candidata, pelo que está sendo veiculado?

Presidente: Vocês... Eu diria, vamos aguardar a entrevista da Polícia Federal.

Jornalista: O senhor conversou com o Ministro da Justiça agora, de manhã?

Presidente: Vamos aguardar, vamos aguardar a entrevista da Polícia Federal, e vocês vão ver o que está acontecendo.

Jornalista: O senhor está convencido de que a campanha (incompreensível)? Qual a avaliação que o senhor faz sobre isso?

Presidente: Eu estou convencido, eu estou convencido de que a Dilma vai ganhar as eleições, por todas as condições. Quando você tem um adversário político que está fazendo a quantidade de promessas que ele sabe que ele não



vai cumprir, porque não as cumpriu quando foi governo; quando você tem um candidato que, de forma irresponsável, começa a dizer que vai mudar toda a política econômica, ele tem que explicar ao povo brasileiro o que significa mudar essa política econômica, em um momento em que o Brasil serve de exemplo ao mundo como modelo de desenvolvimento, como gerador de emprego, como estabilidade econômica.

Então, os cidadãos, homens ou mulheres, ninguém pode ser irresponsável porque está disputando uma eleição, ninguém pode prometer aquilo que sabe que não vai fazer, e ninguém pode ficar tentando leiloar o país em época de eleição. É triste, e eu sinceramente acho que é importante que a gente faça um bom juízo de valor da situação do nosso Brasil.

Portanto, eu estou convencido de que é preciso muita tranquilidade da sociedade brasileira, é preciso muita maturidade neste momento porque, a continuar esse ritmo das coisas que estão acontecendo, nós vamos ter a campanha do mais baixo nível da história deste país. Olha que eu disputei todas as eleições até agora, como candidato. Perdi muitas eleições e, em nenhum momento, vocês viram qualquer nível baixo da minha parte. Não é a primeira vez...

Jornalista: Presidente, por que a campanha da candidata não utiliza justamente como estratégia explicar que são inviáveis as propostas do adversário tucano?

Jornalista: Mas, Presidente, tem gente dizendo que o tom da campanha agora está mais agressivo, inclusive por parte do senhor.

Presidente: Veja, eu acho que se o tom... veja, se o tom é agressivo no tom da política, no discurso, ora, faz parte. Um jogador que quer disputar o título mundial, ele não vai ficar rebolando dentro de campo, ele vai jogar para marcar



gol, ele vai tirar a bola do adversário. Agora... Isso tem que ser feito. Agora, o baixo nível que a campanha está tomando é uma coisa... O que se fala da Dilma é uma coisa impensável. Eu, que fui candidato, eu, que fui acusado, eu, que fui difamado, eu nunca tive coragem de dizer contra os meus adversários 10% do que a hipocrisia que uma parte dos tucanos está dizendo da Dilma. Agora, de qualquer forma, se acham que vale a pena fazer campanha assim, que façam.

Jornalista: Não está havendo, parte a parte, um...

Presidente: O certo, o certo é que a Dilma vai ganhar as eleições, porque ela representa a continuidade de um governo que fez o Brasil ser mais admirado, que fez o Brasil ser mais respeitado, que gerou mais empregos, investiu mais em educação, investiu mais em ciência e tecnologia, aumentou mais o salário, melhorou a qualidade de vida das pessoas. Vocês, jornalistas, tiveram mais emprego, mais oportunidade de trabalhar. É por isso que eu acho que a Dilma vai ganhar as eleições.

Jornalista: As acusações (incompreensível)...

Jornalista: Presidente, sobre o Fies, Presidente?

Presidente: ...(incompreensível). É um momento, eu diria, auspicioso, você saber que no mês de setembro entraram US\$ 16 bilhões no Brasil, quando em outros tempos a gente passava o ano inteiro para entrarem US\$ 10 ou US\$ 12 bilhões por ano. É muito importante saber que quando eu entrei no governo, a gente tinha US\$ 16 bilhões de reservas e ainda 30 bilhões emprestados do FMI, e que hoje não só nós recebemos 16 bilhões de investimento por mês, e por isso que nós aumentamos o IOF, que foi correta a medida do ministro



Guido Mantega, como nós tomaremos tantas quantas medidas forem necessárias para não permitir que o real se desvalorize... se valorize muito em relação ao dólar. Agora, é importante lembrar que o problema não é do Brasil. É importante lembrar que o problema é que todas as moedas do mundo estão se valorizando diante do dólar porque os Estados Unidos precisam encontrar uma forma de recuperar a sua economia. Não é possível que a maior economia do mundo, ou as maiores, tanto a europeia quanto a americana, que sabiam de tudo quando eram os países pobres que tinham crise, não saibam como resolver as suas próprias crises. Se pedissem ajuda, a gente poderia contribuir.

Jornalista: Estão sendo estudadas medidas, Presidente?

Jornalista: Contribuir com o quê? Como?

Presidente: Veja, fazendo as coisas que o Brasil fez. O que é que nós fizemos quando a crise econômica veio? Nós fizemos muito mais investimentos em infraestrutura, nós reduzimos impostos para que aumentasse o consumo e nós criamos as condições para que o povo brasileiro pudesse consumir mais. Foi isso que recuperou a indústria brasileira. Ampliamos o crédito interno, porque não tinha crédito interno. Eu acho que o mundo precisa compreender o seguinte. Não é possível que o mundo rico não resolva os seus problemas, porque quando o mundo rico sofre, é verdade que ele sofre, mas quem sofre mais é o mundo pobre, mais a África... Graças a Deus, na América Latina nós estamos vivendo um momento excepcional na história do nosso país, e, portanto, eu acho que o Brasil hoje serve de exemplo para qualquer país do mundo que quiser fazer a economia gerar emprego, produzir renda, e gerar otimismo. Nós nunca tivemos a autoestima que nós temos hoje no nosso país.

Jornalista: E estão sendo estudadas medidas, como ocorreu na época da



crise?

Presidente: Deixa eu lhe contar uma coisa. O ministro Guido Mantega e o ministro Meirelles têm uma orientação minha para ficarem atentos 24 horas por dia, e a gente vai tomando as medidas na hora certa em que tiver que tomar as medidas. Nós estamos com a nossa balança comercial razoável, nós vamos chegar por volta de US\$ 195 bilhões de exportação, vamos ter um superávit, aí, previsível...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, previsível importante. Significa que é o seguinte. Nós apostamos, no auge da crise, que era preciso mais livre comércio, era preciso vender mais e comprar mais. Nós fomos contra qualquer restrição ao comércio e, portanto, o Brasil está se saindo bem. O que eu espero é que os outros países se saiam bem. O Guido anunciou, na reunião do G-20, que existia uma verdadeira guerra cambial, e todo mundo está percebendo que existe uma guerra cambial e que nós precisamos, no G-20, discutir e dar uma solução definitiva para isso.

Jornalista: Pode ter alguma medida para evitar o tanto de importação que está acontecendo no país hoje?

Presidente: Pode ter. Na hora que o Miguel Jorge me procurar e disser para mim que as importações estão incomodando, nós iremos tomar medidas. Por enquanto, o que ele acha é que a gente não tem que diminuir as importações, mas nós temos que continuar trabalhando para aumentar as nossas exportações.

Um abraço.



Jornalista: Obrigado, Presidente.

Presidente: Você sabe que eu ia falar uma coisa (incompreensível), e eu esqueci? Eu estava tentando lembrar e agora eu lembrei. Então, eu voltei para falar para vocês.

Eu queria que vocês atentassem para a campanha suja que está sendo feita no telemarketing...

Jornalista: No telemarketing...

Presidente: ...campanha feita, campanha... Há um processo de investigação para saber de onde parte, mas é uma campanha difamatória, coisa que jamais poderia ser aceita por qualquer homem ou mulher democrática deste país. O cidadão está dentro da sua casa, toca o telefone, quando ele vai atender, ele deve receber alguma informação que lhe ajude a fazer alguma coisa útil na vida. Mas a campanha é difamatória contra a ministra Dilma, e isso nós não podemos aceitar.

Jornalista: E tem investigação da Polícia Federal para isso?

Presidente: Tem, tem.

Jornalista: Polícia Federal, Presidente?

Presidente: De todo mundo.

Jornalista: Ainda sobre estratégia de campanha (incompreensível)...

Presidente: Estratégia de campanha não é comigo, é com a campanha.



Jornalista: Mas o senhor é conselheiro na (incompreensível)...

Presidente: Eu estou dando uma forcinha.

Jornalista: Exatamente, por isso.

Jornalista: O senhor falou que as propostas do seu candidato não são compatíveis com a realidade, de aumentar o salário mínimo, entre outras coisas, inclusive na Previdência. Por que isso não é utilizado na campanha de Dilma para explicar que não é, de fato...?

Presidente: Deixa eu lhe contar uma coisa, minha querida, porque nós sabemos distinguir entre o que é uma mentira e o que é a verdade. A verdade é que nós temos uma proposta de recuperação do salário mínimo, até 2023, que vai dobrar o valor do salário mínimo, e nós acreditamos tanto no Brasil que nós combinamos a política de reajuste do salário mínimo ao crescimento do PIB e à taxa de inflação. É uma quantia muito maior do que qualquer presidente já pensou, na história deste país. Acontece que nós somos muito responsáveis e não vamos ficar leiloando coisas em época de eleição. Veja, eu não fiz julgamento do programa. Quando hoje o candidato diz que vai mudar a política econômica, é importante ele dizer o que ele vai mudar. É importante ele dizer, porque o mundo está esperando que ele diga, o mercado está esperando, porque você não pode agir com irresponsabilidade, sem saber os efeitos de uma declaração dessas que, certamente, não agradou nem à assessoria dele.

(\$31EGJLP)